



Praça de Luiz de Camões.

Ha de muita gente julgar fóra de proposito a publicação d'esta estampa, por figurar uma scena que já vae bem longe; e, comtudo, vale mais a presente gravura, do que outra que desenhasse o estado actual do meio alinhavado monumento de Camões.

Quando sua magestade, el-rei D. Luiz, foi lançar a primeira pedra da suspirada memoria, tudo linha, até esse jubiloso momento, corrido com tanto fogo, que a todos pareceu resolvido o insolúvel problema de completar, nos prazos marcados, as obras começadas; e muitos chegaram a suppor que teriamos inauguração antes do termo das condições.

Esse acto do nosso monarcha foi, portanto, uma revelação de confiança, de alegria e de entusiasmo patriótico, que o seu luzimento inspirou, robustecida pelos precedentes auspiciosos que a tinham definido.

E hoje?

Hoje, ha mais alguma coisa. Certamente. Ha o pedestal completo, que se compõe de muitas pedras, de muita cal, de muitas quinas, de muitos ornatos, de muita terra, e pó tambem. É mais alto do que um homem, é. Todos o veem. Porem... ninguem se lembra d'elle.

Tal é o lapso de tempo, carregado de irrisorias peripecias, que attesta aquella representação plastica do *statu quo*, e que tão desapiedadamente nos ameaça com um novo galheteiro, mais delicado, mais janota, mais pomposo, e verdade: do que o extinto galheteiro do Rocio; mas... um galheteiro.

Portanto, a estampa que figurasse este novissimo, correcto e augmentado galheteiro seria uma estampa... para rir, ou, se quizerem, para chorar;

e o nosso fim não é fazer rir das coisas sérias, nem entrar na complicada tarefa de phantasiar portuguezes que, á semelhança de Scipião, chorem sobre as ruinas da patria.

Eis a razão porque a nossa gravura tem mais valor. É uma recordação de passadas alegrias, sempre bem vinda n'este mar procelloso de angustias em que, desde muito, navegamos.

Já lá vão os tempos em que o genio nos despontava rapido e viçoso, e as difficuldades economicas e plasticas se apagavam instantaneamente ao sopro da vontade, da confiança e da energia.

Morreram com o reinado de D. Maria I, e, ao menos, consolemo-nos por terem morrido religiosamente.

Quando cortaram as azas ao ministro de D. José I, marquez de Pombal caio das maiores alturas da gloria, a que o seu vôo seguido e rapido o havia elevado. A sua queda estremeceu o paiz, e desde então nunca mais o infeliz Portugal logrou saude. Ninguem se mostrou culpado em tamanho delicto; mas o convento da Estrella foi, talvez, uma manifestação piedosa movida pelo remorso, um voto nascido de um erro politico, que só a Deus se revelou.

Hoje, que não podemos resuscitar os mortos; que não é possivel restituir á vida aquelles politicos estacionarios e despoticos que animaram o marmore em vultos gigantescos, e fizeram brotar das cinzas ainda tepidas uma cidade esplendida; que acharam e criaram sabios e artistas que não tropeçavam em qualquer difficuldade, nem, cobertos com as vestes da fama, dormiam embriagados pelo perfume dos loiros; hoje tomámos o partido de importar a cultura do progresso.

Porém, como?

Esquecemo-nos de que nos faltava o estrume; e eis o progresso, planta de eterna e crescente belleza, convertido em uma especie de caranguejo: andando mais para traz, de cada vez que o impurram para diante.

Proclamam-se Machados de Castro, como quem apregoa laranja da China; Sebastões de Carvalho... Minto. Hoje, ninguem quer ser Sebastião de Carvalho... Decretam-se Colberts, como quem offerece pitadas de rapé; semeam-se artifices, como quem annuncia charutos Zamacoës. Depois, mãos às obras. Espera-se, espera-se... até que se desespera. Que será, que não será... Espreita-se o caso, e encontra-se:

Os Machados de Castro a scismarem sobre o modo porque de um bocado de pedra em bruto ha de sair uma figura que não venha torta; uma figura direita, perpendicular, aprumada; tendo, apenas, a liberdade simples de poisar um pé adiante do outro, ou de apalpar a região do coração;

Os Colberts... a scismarem sobre a causa de tudo lhe sair negativo, empregando constantemente o signal de mais;

Os artifices... a scismarem sobre a razão porque se lhes partiram as fôrmas, e, em lugar de uma figura de Camões, lhes saio uma cascata.

Vae para um seculo que, em o nosso paiz, deixaram, pouco a pouco, cair completamente as obras d'arte nos braços da infelicidade. Quasi todos os projectos ficam nos traços do tira linhas, ou no modelo; e os que, por acaso, conseguem vingar, accusam sempre na phisionomia contrahida os bons tratos que a economia, o mau gosto, a parcialidade da compadrice, e o mysterio lhes deram.

O theatro de D. Maria II é uma triste victima de todas essas coisas. Devia ter nascido dos traçados de Pedro Monteiro, e saio dos mal engendrados plagiatos de outro architecto, que nem talento tinha para fazer d'aquelles traçados uma parodia feliz. Houve dinheiro para construir um theatro de lapis-lazuli; mas a economia cortou e o mysterio ainda mais.

O pensamento que deu origem ao celebrado galheteiro do Rocio foi outra victima. O genio que se propoz eternisar pela plastica os feitos do immortal imperador, dormia lá fóra. A tuba pregoeira do concurso accordou-o, e elle, abrindo as azas, voou para nós. Não esperando, porém, encontrar em paiz tão pequeno, tão grande e alto monumento, como é a estatua equestre de D. José I, n'ella esbarrou, partindo o nariz, porque assim pôde dizer-se de quem ousou collocar em a mesma terra, e à curta distancia da rua Augusta, uma parodia da obra prima de Machado de Castro, ainda mais infeliz do que os plagiatos feitos aos planos de Pedro Monteiro.

Os resultados d'esta comedia todos os leitores conhecem bem.

Depois de levantado o pedestal, a estatua não quiz subir; e disse-se que era porque, faltando-lhe dinheiro para comprar abafos, não estava resolvida a ir expor-se permanentemente à chuva.

Mais tarde, desmentio-se esta desculpa e attribuiu-se-lhe outra. A estatua tinha vergonha de desempenhar o papel de argola de galheteiro. D'esta se convenceu o senado, e, achando-lhe razão, mandou arrazar a estulta cassoada.

Assim é que morreu o desgraçado galheteiro do Rocio; e é assim que muita gente principia já a desconfiar que morrerá o galheteiro da moderna praça de Luiz de Camões.

Terá o destino marcado no seu livro mysterioso a realização de tão endiabrado agoiro?

NOGUEIRA DA SILVA

A BOCCA DO INFERNO

VI

Luiz vae encostado á amurada do brigue com os olhos fitos nas aguas e o pensamento muito longe d'alli. Nem sequer se lembra de que está no seu querido oceano, que fóra outr'ora a sua paixão.

Affasta-te da borda, e observa como o brigue é veleiro! A barquinha marca muitas milhas; as velas vão empavezadas, e tu immovelahi, quando n'outro tempo passeavas na tolda com os olhos ora nas vergas ora na prôa do barco; na agulha, ou nos horisontes! Então no rosto queimado transverberava o intimo prazer, nos labios saltava um sorriso! Porque estás agora triste e pensativo, fazendo o quarto silencioso, quando outr'ora a tua voz, cheia de energico vigor, retumbava de pôpa a prôa dirigindo a manobra? É que ha soffrimentos taes, que absorvem todo o ser moral.

Já não encontras Christina a teu lado. Se a chamas, responde-te o gemido lugubre do oceano. Oh! deve ser horrivel esse soffrimento!

E o oceano estendia-se em redor agitado, creppo, rugidor! e o vento susurrava nas enxarcias, fazendo ranger os moitões! e a agua formava brancos cachões na prôa do brigue!— Era um quadro magnifico, ante o qual outr'ora a alma de Luiz se extasiava. Agora, porém, tudo passava desapercibido para elle. Já não achava poesia nas ondas, nem já a vãos largos deixava subir o pensamento aos seios da immensidade!

Encostado à borda, olhos fitos nas aguas, o coração retalhado de saudades, e a ideia na patria, ia-se o pobre mancebo pelos mares fóra, demandando outros portos, que não os do seu querido paiz, onde, se outr'ora o prendia o ninho patrio, hoje o prende ainda mais o consorcio do coração!

Se vos recordaes, leitora, do mancebo que encontrastes na praia de Cascaes, hesitariaeis agora em affirmar que era o mesmo. Então representava o marinheiro que não tem paixão maior do que aquella que o oceano alimenta no remanso da bonança ou no rugir da tempestade, paixão que attrae o homem para elle por um diabolico poder, paixão que nem o naufragio cura, porque o naufrago, que um milagre salvou da morte, vae ainda outra vez lançar-se ancioso nos braços do oceano, sem já se lembrar de que esteve para ser por elles esmagado!—Agora o que ahí vêdes a bordo

do brigue, costeando o archipelago de Cabo Verde, é outro, magro, pallido, como quem soffre do mal das saudades. E que é só para os espiritos superiores abraçarem-se com a dôr, e como que alimentarem-se d'ella. Não são para as vulgaridades os grandes soffrimentos. Deus só trava as luctas gigantes do espirito e do coração nas organizações elevadas, onde o combate pode ser heroico.

Por isso tambem o genio, disse Chateaubriand, usa depressa o corpo que o encerra: as almas grandes, assim como os grandes rios, tendem a devastar as suas margens.

Havia dois annos que Luiz de Mello e Christina se tinham despedido em Cascaes. N'esta já longa ausencia, o que a ambos consolava, o que a ambos amparava na beira resvaladia do tumulo, era a esperança, a vara magica da esperança, unico arrimo dos desfortunados da terra.

Nas cartas de Christina havia a resignação evangelica de quem aceita tudo das mãos de Deus e só d'elle espera o remedio. Por isso as suas palavras eram todas de consolação, e n'este mister santissimo da mulher, em que ella se converte em anjo de piedade, ia Christina dando coragem e vida ao desgraçado.

Um dia Luiz pensou seriamente em voltar a Portugal quanto antes.

Imaginou para isso uma doença e a necessidade de ares patrios.

Tomada definitivamente a resolução, não houve considerações que o demovessem do intento.

VII

A senhora morgada, D. Thereza de Brito, habitava em Lisboa uma casa grande e de veneranda velhice. D. Thereza tinha odio a reformas e melhoramentos. Amava as suas antigas cadeiras de espaldar, as mesas de pau santo, o contador e a papeleira; e não havia fazel-a acreditar na elegancia da mobilia moderna, e das decorações do tempo. Agarrada ás suas opiniões, como o berbigão se agarra ao rochedo, atacassem-na, combatessem-na, ou pretendessem convencel-a, que era embalde. Tinha um respeito religioso á antiguidade, e não admittia alteração nos seus usos e costumes.

Deduz-se d'aqui que D. Thereza vivia muito concentrada. Se não fôra o irmão, Christina não conheceria as *soirées* e os bailes, e teria de sujeitar-se á companhia effectiva do parcho e do velho procurador da casa, que costumavam vir á noite fazer a partida do *cassino* ou do *voltarete* com a senhora morgada.

De dias a dias acontecia apparecerem algumas senhoras, correligionarias de D. Thereza nas ideias e nos usos. Eu não dispenso o leitor de ouvir a descripção de uma das frequentadoras, mais assidua.

Era uma donzella de cincoenta e sete annos, que debalde se esforçara nos tempos da sua mocidade por encontrar um coração que comprehendesse o seu. Isto dizia ella. Agora eu direi que ninguem quiz adivinhar o tal mysterio incomprehensivel do coração. Os cabellos, que, segundo

diziam as más linguas, eram já todos brancos, appareciam da côr do azeviche, graça ao inventivo progresso que, apezar de lhe aproveitar, ella tanto guerreava. Dentes, prestara-lh'os a arte de Vitry. As faces desbotadas, rugosas, pareciam ás vezes incendiadas com os laivos carregados do carmin: outras levemente rosadas como o enrubecer de innocente donzella. Era este um dos arrebiques em que D. Capitolina mudava frequentemente: errava sempre, apezar da pratica quotidiana, a porção do carmin. O que ainda illudia um pouco eram os olhos. Deviam ter sido bellos aos vinte ou vinte cinco annos, ardentes aos trinta—e se lhes faltava hoje o brilho d'esse tempo, a luneta fixa suppria a falta, porque atravez do vidro christalino, brilhante parecia o christalino dos olhos. Da moda colhera D. Capitolina todas estas excrecencias insupportaveis—o que não accitou, porém, foi justamente o elegante d'ella. Os seus trajes não soffriam alteração; e ao ver a refohada touca da decrepita donzella, a manga justinha, o comprido espartilho, os grossos caracões, e a porção dos anneis, transportava-se o observador a trinta annos atraz. Para os que gostam de estudar o passado tinham alli a imagem viva d'elle.

Respeito a velhice; lamento a caducidade; mas detesto a velhice pretenciosa. Era este o defeito de D. Capitolina. Gostava ainda de fallar em amor, e nas novellas do seu tempo, em que dois amantes eram perseguidos pelo rigor da sorte, ou por algum tyranno escondido, para virem casar e viver felizes, com muitos filhos, na ultima pagina do livro. E tanto sympathisava D. Capitolina com os nomes floridos e apollineos das suas novellas mais queridas, que a um afilhado pozera o nome de Valdemiro. Supponho que assim se chamava algum amante fiel.

E era esta a sociedade de D. Thereza de Brito. Quando Pedro levava a irmã a um baile, ou trazia um amigo a jantar, tornava-se caso estranho na familia. Christina chegava mesmo a pedir-lhe que trouxesse sempre alguém. O procurador não sabia fallar se não em negocios do foro: o parcho nos negocios da Igreja.

Quando Christina perguntava ao primeiro:

—Que novidades ha, sr. Mathias?

—Está o juiz de tal vara com uma grande constipação—respondia o pobre homem.

Se Christina se dirigia ao padre, ouvia:

—Festeja-se tal dia o dogma da Conceição...

E era a isto que as novidades dos dois interrogados se cingiam.

Se havia, pois, visita nova, Christina e Pedro aproveitavam a occasião para ridiculisarem todas as antigualhas o que desagradava summamente a D. Thereza.

Quero que o leitor tenha a condescendencia de seguir-me aos paços da senhora morgada, em noite que D. Capitolina se achava presente. Pedro de Brito ficara tambem em casa, tendo anteriormente convidado um amigo para o acompanhar. A quinquagenaria donzella vinha essa noite mais rubicunda e graciosa. Quando divisou o amigo de Pedro,

que era um rapaz elegante e amavel, D. Capitolina estudou um sorriso, que se esforçou por tornar tentador; deitou-lhe um olhar meigo, grata recordação do seu tempo de rapariga; fez um requebro, o mais gracioso que ponde, e cortejou o mancebo.

Christina estava presente. Contra o costume, apresentava o semblante risonho. A propria morgada estranhou muito sua filha. Parecia que lhe illuminava o rosto o raio de algum prazer occulto.

O parcho, o procurador, D. Thereza, e D. Capitolina sentaram-se ao jogo. Pedro de Brito e o seu amigo Noronha foram collocar-se ao pé da meza. Jogou-se o *Cassino*. D. Thereza quiz mudar de parceiros.

—Faz mal —acudio D. Capitolina — Devemos ser constantes por isso que a constancia é natural nas senhoras.

—E porque não será nos homens? — atalhou Noronha.

—Oh! não! nos homens não!

—Minha senhora—redarguiu Noronha, aticado pelo filho da morgada —peço em nome do meu sexo que seja mais indulgente com elle.

—Indulgente! Merece elle indulgencia? oh! não!... os homens!... os homens!...

—São maus, não he verdade?

—Muito maus! oh! muito maus!

D. Capitolina aprendera nas novellas esta serie infinita de exclamações. Quando pronunciou *muito maus*, foi tal o doce requebro que deu á voz e aos olhos, e tamanha a distração que as cartas lhe caíram das mãos sem que o sentisse.

—Por Deus! Mostra o jogo, parceira?! gritou-lhe o padre prior—olhe, lá tem um az... e é mão... perde-o por força...

A donzella recolheu pressurosa as cartas. Noronha tornou com a mesma affabilidade.

—V. Ex.^a. não imagina quanto me custa vel-a apreciar tão mal os homens. Foi algum injusto com V. Ex.^a?

—Oh! sim! todos são injustos e ingratos. Oh! infelizes as mulheres que se deixam illudir! Oh! os homens não teem coração!

—Eu creio que teem de mais... e é talvez esse o seu mal—redarguiu Noronha sorrindo.

D. Capitolina completamente distraida e não sei se já suavemente impressionada não vio mais o jogo, nem as cartas.

—Lá deitou o *cassino*! exclamou o procurador. Aproveite D. Thereza. Dos descuidos comem os escrivães...

—Ponho impedimentos! o jogo assim não continua!—gritou o prior esbaforido, por ver que a parceira o levava direito a um capote.

—E eu agravo! —retrucou o procurador com um sorrisinho de rabula nos beiços esbranquiçados.

D. Capitolina estava passada. Que queriam? Não era senhora de si a pobre mulher quando ouvia um rapaz novo e bello a fallar-lhe de amores. Noronha levantou-se, deu o braço a Pedro, e saíram com elle da sala. Christina ria muito. D. Thereza estava pasmada, e o padre e o

procurador gritavam, um contra o outro, sobre se o jogo devia ou não proseguir, apesar dos descertos de D. Capitolina.

Eram estes os episodios extraordinarios da vida monotona da morgada e sua familia: e valiam de muito para Christina não morrer de aborrecimento.

A noite continuou interrompida com alguns d'estes graciosos episodios, que Christina achava agora muito mais interessantes.

É que o estado do seu espirito era outro. A saudade tinha já uma consolação, que era a esperanza.

Recebera carta de Luiz em que lhe dizia que voltava brevemente a Lisboa.

D. Capitolina é que se retirou mais triste, porque empregára debalde toda a arte de seduzir, que por recordação lhe ficara dos tempos juvenis, para ver se Noronha adivinhava a esphynges; isto é, se possuia um coração capaz de comprehender o seu, e d'este modo realisar a felicidade, como ella muito modestamente dizia.

(Continua)

A. D'OLIVEIRA PIRES

DOCTOR JENNER

Entre os muitos flagellos, que opprimem a humanidade debaixo do nome de doenças, um dos mais terriveis, o que infundia sustos maiores aos nossos antepassados do seculo XVIII era o que recebera o nome de bexigas. O vago terror que se apodera de nós quando ouvimos pronunciar o nome de febre amarella, de cholera, que são na Europa actual, os dois mais activos auxiliares do anjo da morte, não póde dar idéa da profunda impressão, que o terrivel nome de bexigas, nos tempos anteriores á descoberta da vaccina, produzia. É porque esse flagello não se limitava a travar com a humanidade uma lueta suprema, em que matasse ou fosse vencido, mas, no requintado odio que volara á especie humana, não passou nunca aavez de um povo sem deixar vestigios horrorosos da sua passagem nos cadaveres de que juncava o solo, ou na face dos vivos que conservavam, ainda que saíssem triumphantes da pugna fatal, o estygma indelevel do combate. O algoz tinha n'uma das mãos o cutello, na outra o ferro em braza. Se a voz de Deus lhe dizia «Perdoa» o cutello destruidor pendia inoffensivo, mas o ferro flammejava, e, marcando o rosto da victima que se julgava salva, abria-lhe largos sulcos nas faces, ensanguentava-lhe as palpebras, desfigurava as feições mais correctas, amortecia o esplendor dos olhos mais vividos. Ao pestifero halito d'esse anjo máo, perdia a flor o perfume e o colorido, se não murchava de todo; dissipava-se a belleza, se não se extinguia a vida.

Por isso as bexigas inspiraram tamanho horror aos nossos antepassados. As mães, contemplando as faces rosadas, os olhos azues dos filhos, apertavam ao peito as criancinhas, temendo a cada instante sentir o vóo pesado da epidemia, e ver ao sopro malefico desbotar-se o viço d'essa florinha querida, que protegera contra os frios agrestes do

inverno, e contra as calmas abrazadoras do estio! A noiva gentil, vendo ajoelhar-lhe aos pés, enlevado na sua formosura, o enamorado moço que não via outro sol senão o dos seus olhos, empalidecia de subito se um pensamento atroz lhe saltava a mente. O que faria esse eleito do seu coração se a esplendida belleza, que o captivara, de um instante para o outro se apagasse? E era essa uma hypothese gratuita? um d'esses vagos terrores que

o amor phantasia, terrores sem causa, nuvens sem motivo que a imaginação forma no ceu azul da mocidade só para que um sorriso as dissipe, caprichos como o de Polycrates que temia a superabundancia da sua ventura? Não! a hypothese era bem fundada, o terror era justificado, o perigo era real: porque esse demonio cruel, que pairava nos ares, não poupava nem sexo, nem idade, nem formosura, ou antes fazia uma selecção atroz,



Doutor Jenner

porque envenenava de preferencia os calices mais doces da existencia, entenebrecia os dias mais luminosos, cortava os fios da vida mais doirada, murchava as mais ridentes primaveras, maculava, como o caracol, as rosas mais radiantes de formosura e viço.

Foi então que appareceu, como um verdadeiro enviado da Providencia, o homem cujo retrato apresentamos hoje aos nossos leitores. O doutor Jenner nasceu no dia 17 de maio de 1749 em Berkeley, cidade do condado de Gloucester na Grã-Bretanha. Principiou a estudar medicina com um cirurgião de Sudbury provincia de Bristol, depois foi para Londres, onde continuou os seus estudos.

Na grande metropole tomou conhecimento com o doutor John Hunter, celebre cirurgião e anatomista distincto, a cuja amizade deveu ser escolhido para classificar os objectos d' historia natural, que o afamado Cook trouxera da sua primeira viagem á roda do mundo. Precedido de grande reputação, como medico e naturalista, voltou Jenner para a sua patria, onde em breve adquirio numerosa clientela, que, apesar de lhe dar grande trabalho, sempre lhe deixava alguns instantes livres que elle consagrava aos seus estudos predilectos d' historia natural.

Em 1775 principiou a entrever a descoberta, que lhe devia dar tanto nome e ser para a hu-

manidade de tamanho proveito. Principiou n'essa época a germinar no seu espirito o que alguns camponeses lhe tinham dito acerca da força preservativa que tinham contra as bexigas esses botões que se formam no ubre das vacas atacadas d'epizootia. Quantas vezes o instincto popular precede as descobertas da sciencia! Louco, bem louco é o sabio orgulhoso que despreza as praticas singelas d'esses rudes confidentes da natureza! Jenner não as desprezou, estudou-as. Depois d'um trabalho assiduo de 13 annos, convenceu-se afinal em 1788 da efficacia do *cow-pox* contra as bexigas. Comtudo só em 1796 ousou fazer a primeira experiencia. Proporcionou-lhe ensejo para ella uma epizootia que então grassou no gado. No dia 14 de maio d'esse anno inoculou a vaccina n'um rapazito chamado James Phipps. Depois inoculou-lhe as bexigas, e com que tremor o não faria! mas que jubilo não seria tambem o seu quando vio a molestia impotente! Estava subjugado o monstro, estavam decepadas as cabeças da hydra, estavam arrancados os dentes e as garras a esse tigre avido de sangue juvenil.

Como sempre, a sciencia official recusou reconhecer o novo invento. As *Philosophical Transactions*, especie de encyclopedia medica, recusaram publicar a memoria que elle escreveu a esse respeito. Vio-se então obrigado a publicar a sua importante descoberta n'um escripto a que deu o titulo de *Inquiry into the causes and effects of the variole vaccine*. Acolhida admiravelmente na Europa e na America, o seu auctor mereceu o nome de bemfeitor da humanidade. Não lhe escassearam as recompensas. Em 1802 recebeu dez mil libras, e em 1807 vinte mil a titulo de recompensa nacional. Depois da sua morte, que succedeu no dia 26 de janeiro de 1823, a Inglaterra erigiu-lhe estatuas.

Coisa notavel! quando Jenner n'um obscuro canto da Inglaterra fazia a sua primeira experiencia, despontava tambem na Italia entre os resplendores da victoria o sol napoleonico. Pouco depois d'este se extinguir em Santa Helena terminava tambem Jenner a sua carreira benefica. Aos olhos da posteridade imparcial qual das duas glorias será maior? a gloria deslumbrante do guerreiro, ou a gloria modesta do medico? a que se ergue n'um pedestal de cadaveres, ou a que sobe para os ceus entre as bençãos dos convalescentes? Não sei; mas, se para a humanidade deslumbrada vale mais a aureola que cinge a fronte do conquistador, não será esse igualmente o juizo de Deus. O Omnipotente presta mais attenção á oração singela da mãe jubilosa, que vê já sem medo florescerem as rosas da saude nas faces do filho querido, do que aos canticos entusiasticos dos povos que saudam os Cesares. Bemdito mil vezes aquelle cuja apothose é feita pela simples lagrima de reconhecimento que desliza d'uns olhos maternas! Triste do triumphador que, no seu carro ovante, escuta, em vez dos insultos do escravo, a maldição das mães!

PINHEIRO CHAGAS.

LENDAS INDIANAS

Por Mathews (1)

A Estrella da Manhã.

Em tempos, que foram, pereceram todos os habitantes de uma aldeia, á excepção de uma donzella, e de um rapazinho que era ainda de berço. Dormiam ambos quando pai e mãe se finaram. A donzella, que era mais velha, accordou primeiro; mas como não visse se não o irmãozinho, que dormia entre sorrisos, voltou-se no leito, começou novo somno.

Dez dias eram passados, quando o innocente estremeceu no berço, mas não abriu os olhos. Corridos outros dez dias, mudou de posição e continuou a dormir, e certo que sonhava lindos sonhos, porque quando a irmã o contemplava, via rebrilhar um sorriso celeste no rosto da criança, cuja cabeça era cingida por aureola luminosa, que illuminava tambem a choça.

A donzella foi crescendo e era já mulher feita, a tempo que o rapazinho augmentava mui pouco de estatura. Levou muito tempo para que pudesse rebolar no chão, e passaram annos e annos, que não havia suster-se de pé. Mal poudo caminhar, a irmã deu-lhe aljava e frexas, e pondo-lhe uma concha no pescoço, disse:

— De hoje em diante serás Dais-Imid, ou o Anão da Conchinha.

Desde então Dais-Imid começou a caçar passarinhos. Foi um melharuco a sua primeira victima, e a donzella para influir brios no irmão, fez-lhe uma ceia opipara. No dia seguinte matou uma harda purpurina, que comeu tambem á noite, e no terceiro dia apanhou uma perdiz, com que os dois se regalaram á tripa-forra.

Pouco a pouco foi-se Dais-Imid animando e afastou-se mais e mais da choça; cada vez era mais dextro, e afinal caçador já experiente não temia atacar as bestas-feras da floresta. Repartia sempre com a irmã as pareas da caça. Com ser porém entrado na idade madura, era pequeno de corpo, e tanto que recolhia a casa, logo lhe brilhava a aureola em volta da cabeça e illuminava a choça.

Por um dia de inverno chegou á beira de uma lagôa, toda gelada, e vio um gigante a caçar castores. Em comparação d'aquelle homem, Dais-Imid parecia um insecto; assentou-se porém na praia, e seguiu attento os gestos do caçador.

Este, apoz grande matança, carregou as victualhas em um carro, que puchou com uma das mãos, e poz-se a caminho de casa. Dais-Imid brandio a conchinha maravilhosa, cortou a cauda de um castor e fugio de arrancada para a choça.

O gigante ficou muito espantado ao ver que um dos seus castores tinha a cauda cortada.

No dia seguinte o nosso heroesinho voltou á lagôa e poz-se á socapa. O gigante já tinha carregado o carro e ia-se embora, quando Dais-Imid lhe foi no encalço, e cortou a cauda de um castor.

Mal chegou a casa o gigante bradou raivoso: «Quem me dera conhecer o ladrão, que havia saber o comprimento da minha garrocha.» Não se lembrava que os castores habitavam n'um la-

(1) O viajante Mathews colheu entre as tribus da America, algumas lendas, que publicou, e que hão sido traduzidas em quasi todas as linguas cultas. Como amostra de poesia popular entre os *peaurouges*, traduzimos esta lenda que nos pareceu das mais caracteristicas, porque explica poeticamente um phenomeno da natureza.

go, que pertencia ao anão e a sua irmã. No outro dia voltou á lagôa: mas andou tão vidareiro, que Dais-Imid só pôde apanhá-lo quando cruzava já os hombros da casa.

O gigante encheu-se de raiva e desespero, e o que mais o enraivecia, era não descortinar inimigo, por isso que o anão da conchinha podia á vontade tornar-se invisível.

Blasphemando e jurando lá ia o gigante na pegada do anão; baldo porém era o seu empenho, que não encontrava o mais leve vestigio. Determinou emfim para se vingar do ignoto inimigo, partir de madrugada; e tão presto andou, que o anão teve de procurá-lo em casa, aonde o encontrou a estripar os castores.

Ao passo que Dais-Imid, sempre invisível, o contemplava, disse para si: é de justiça que o gigante possa ver-me uma vez.

Meu dito, meu feito, e mal o colosso, (que era o celebre Manabozho) ergueu a cabeça, vio o anão, a quem fallou assim:

— Quem és tu, traquinas? Estou vae não vae a esganar-te.

— Não te acobardes; que não conseguirás teu ruim intento.

Palavras não eram ditas, estendia Manabozho os braços, mas quando abriu os dedos, já Dais-Imid se havia escapolido.

— Aonde estás agora, traquinas? rouquejou Manabozho.

— No teu cinto, respondeu o anão.

E o gigante cuidando esmagal-o, deu em si com toda a força; desenrolando porém o cinto, não encontrou o anão.

— Aonde te escondeste, diabrete? gritou Manabozho, incendiado em raiva

— Na tua venta direita, disse o anão. Manabozho apertou o nariz, mas como ouviu a dois passos de distancia a voz do seu inimigo convenceu-se que o seu nariz fôra quem tinha pago as cûstas.

— Muito bons dias, Manabozho, gritava o invisível adversario. Conta as caudas dos castores, e verás que levo uma para minha irmã; porque, mesmo brincando, o anão lembra-se da fada do seu lar. Até á vista, caçador de castores.

E ao tempo que se apartava, o anão tornou-se visível; e a sua aureola resplandecia em volta da cabeça e illuminava o espaço, coisa que Manabozho não pôde explicar, porque era de natureza muito bronco e soez.

Quando Dais-Imid entrou em casa, disse á irmã que era chegado o tempo de se separarem.

— Eu de mim, acrescentou, vou-me embora. Ninguém foge ao seu destino. Tu deves também deixar esta morada. Aonde queres habitar?

— Quizera estancear nos plainos, aonde nasce o sol, aonde fulguram os primeiros clarões do dia, aonde os esplendores do céu são mais formosos. Quando eu estiver lá, ó meu irmãozinho, e vires nuvens retinctas brilhar no firmamento, cuidarás que tua irmã está pintando as faces com o cármim do céu.

— E eu, disse o anão á irmã, viverei nos alcantís, e poderei ver-te mal surjas do seio do mar. Nos pinaros o ar é puro e as torrentes espadam aguas transparentes. Esta luz brilhante cingirá a minha cabeça e serei chamado Pusk-Inince, ou o anão das montanhas. Antes, porém de nos separarmos para sempre, é força que conheças quaes são os manilus, que governam a terra, e

os que nos serão favoraveis. O anão deixou a irmã, correu toda a superficie do mundo, e desceu até ás entranhas do globo. Recebeu boa acolheita em toda a parte. Chegado á morada de um gigante, que era parente de Manabozho, foi mal recebido a ponto de ser lançado na enorme caldeira que fervia em cachão. Dais-Imid envolveu-se na conchinha milagrosa, vasou n'um abrir e fechar d'olhos a caldeira, e fugio são e escorreito.

Voltou á choça e contando á irmã todos os seus trabalhos, acabou assim:

— Minha irmã, ha um manitu em cada canto da terra; por sobre elles, e nas profundezas do céu, habita o Ente Supremo que a todos governa. Ha também um ente mau, que rasteja nos seios do mundo. Havemos de escapar ambos ao seu poder. Quando os ventos soprarem dos quatro cantos da terra, levar-te-hão ao sitio, que escolheste. Eu de mim ascenderei ás montanhas, que sempre aprouveram aos meus semelhantes.

Dais-Imid tomou de um bordão, e começou a galgar a montanha; cingia-lhe a fronte uma aureola, e cantava assim:

« Soprae, ventos, soprae! minha irmã suspira na mansão celeste, aonde a manhã, com os seus roseos dedos, lhe pintará as faces com o cármim do céu. Para ella se voltarão os meus primeiros olhares; os seus sorrisos, reflectidos nas nuvens, ser-me-hão guia e fanal nas aguas ou nos recessos das florestas, quando vaguear nos alcantís, ou me esconder nos valles verdejantes, aonde floresce a roseira junto á fonte queixosa.»

Os ventos começaram então a soprar assim como Dais-Imid havia predito, levaram nas azas invisíveis a virgem para o oriente, aonde viveu até hoje com o nome de *Estrella da Manhã*.

A. O. DE VASCONCELLOS.

O centro de todos os males é o jogo, e morada de todas as maldades, blasfemias, juramentos falsos, furtos, e os mais que a este se agregam.

M. AFFONSO DE MIRANDA.

DE QUE VIVEM AS PLANTAS

As plantas compõem-se de carvão, agua e de uma grande quantidade de hydrogenio; além d'isso contem um quarto corpo simples, o azote, que se encontra em diminuta proporção, mas cuja presença é essencial á vida. A atmosphera fornece abundantemente o carvão; as chuvas, a agua ou o oxigenio e o hydrogenio; a terra, o azote, mas que, por ser raro, se lhe introduz sob a forma de estrume: é esta a grande preocupação do agricultor; é a mais avultada, a mais inevitavel e a mais productiva de todas as suas despezas.

A CRITICA LITTERARIA

O espirito da critica é um espirito de ordem; conhece os delictos contra o gosto e leva-os ao tribunal do ridiculo; porque o riso é muitas vezes a expressão da colera, e os que o censuram não reflectem que o homem de gosto antes de fazer uma ferida recebeu vinte. Diz-se que o homem tem o espirito da critica quando recebeu do céu não sómente a faculdade de distinguir as bellezas e os defeitos das produções que julga, mas uma alma que se apaixona por umas e se exaspera com outras, uma alma a qual o bello arrebatá, o sublime transporta, e que, furiosa contra a mediocridade, esmaga-a com os seus desdenhos, e opprime-a com os seus enojos.

PROVERBIOS ARABES

- A melhor sciencia é a que offerece utilidade.
 —O que foi mordido por uma serpente tem medo de uma corda.
 —O corvo não tira os olhos a seus irmãos.
 —Não se mettem duas espadas na mesma bainha.
 —Se a gallinha tivesse dinheiro, não se lhe cortaria o pescoço.
 —A morte do burro é uma festa para os cães.
 —Não ha scentelhas na cinza.
 —As doçuras do mundo são para aquelle que o não conhece; as amarguras para o homem esclarecido.
 —O tanque forma-se gota a gota.
 —O sabio em sua patria é como o ouro em sua mina.
 —O que dá é mais feliz do que o que recebe.
 —A mão de cima vale mais do que a de baixo.
 —Aquelle, cujo termo é chegado não tem mais a fazer do que estender as pernas.
 —Os dias do homem estão contados; porque receiar a morte?
 —Todo o cão ladra á sua porta, todo o leão é altivo na sua floresta.
 —O que sobe ao carro da esperanza tem por companhia a pobreza.
 —Quem te disser mal de outrem diz mal de ti.
 —O sabio conhece o ignorante, porque o foi, mas o ignorante não conhece o sabio, porque nunca foi sabio.
 —No paiz das palmeiras sustentam-se os burros com tamaras.
 —Se todos os homens se entregassem unicamente á meditação, a terra tornar-se-ia inculta.
 —Todos os que andam vestidos de pelle de tigre não são corajosos.
 —Aquelle que se aquece ao fogo conhece-lhe o calor.
 —O leão sustenta-se sómente da sua caça.
 —Se a lua é brilhante, o sol ainda o é mais.
 —Se os homens procedessem bem, o cadi cousa alguma teria a fazer.
 —O que dá aos outros a beber é sempre o ultimo que bebe.
 —Na frente, espelho; por detraz tesouras, (fallando do hypocrita).
 —Allumia os outros e queima-se.

Tres partes hade ter o que quizer louvar algum sujeito; verdade na lingua, autoridade na pessoa, elegancia no modo. M. AFFONSO DE MIRANDA.

NA PRIMAVERA.

Je suis la fleur des murailles,
 Dont avril est le seul bien.
 Il suffit que tu t'en ailles
 Pour qu'il ne reste plus rien.
 V. Hugo.

Desfaz-se a nevoa do inverno,
 Começa a vir o calor;
 No campo despontam rosas,
 No seio palpita amor.

As andorinhas fugaces
 Chilrando alegres já vem;
 Sorriem-se os pequeninos
 Nos ternos braços da mãe.

O sol beija com seus raios
 Os cimos dos alcantis;
 Desdobra a relva um tapete
 Do mais gracioso matiz.

O vento suspira e brinca
 Nos ramos da lorangeira;
 O cysne canta e deslisa
 Pelas aguas da ribeira.

Tudo é luz, tudo perfumes,
 Tudo alegrias singelas;
 De manhã vicejam flores,
 De noite brilham estrellas.

Como a vida corre amena
 Nesta florida estação!
 Quando a sombra foge aos campos,
 Foge a magoa ao coração.

Aqui respira-se a vida,
 Aqui traga-se o prazer.
 A nuvem d'uma tristeza
 Não vem turbar-nos, sequer.

Oh, dá-me o braço, querida,
 É nossa a quadra do amor:
 O sol é grato aos amantes,
 Como ao campo e como á flor.

Vem, não temas, divaguemos,
 Não fiques, não penses mais.
 Como os beijos são tão doces
 Á sombra dos laranjaes!

E eu quero aspirar contigo
 Todo este aroma subtil.
 Em teus braços reclinado
 Contento saudar abril.

Sim, eu amo a primavera,
 Os vivos clarões do sol,
 De noite as brandas endeixas
 Que modula o rouxinol.

Amo tudo o que scintilla,
 Tudo que é raio e esplendor;
 O canto que vem das aves,
 O cheiro que vem da flor.

Mas sem teu meigo sorriso
 Nada me encanta e seduz;
 Nas rosas perde-se o viço,
 Nos astros desmaia a luz.

Que tem que o sol encha a terra
 Com seu fulgente clarão,
 Se escura noute sentimos
 Toldar-nos o coração?

Que importava a primavera,
 Que engrinalda a terra e o ceo,
 Se os teus olhos não dissessem
 Que és minha como eu sou teu?

Vem, pois, comigo, querida,
 Gosar do campo o frescor;
 O campo é grato aos amantes,
 Como o sol é grato á flor.

Vem, não temas, não vacilles,
 Não fiques, não penses mais:
 Que doces beijos daremos,
 Á sombra dos laranjaes!

E. A. VIDAL.

A mentira é salteador que rebuçado ao meio dia nos rouba não nas estradas e charnecas, mas nas cidades e praças, e de quem os mais levantados intendimentos e honrados sujeitos não poderam escapar. Por esta se perderam imperios, se destruíram monarchias, se entregaram cidades, se odiaram reinos, e se desunem e descompõem as maiores amizades e se dividem os mais ligados parentescos.

M. AFFONSO DE MIRANDA.